

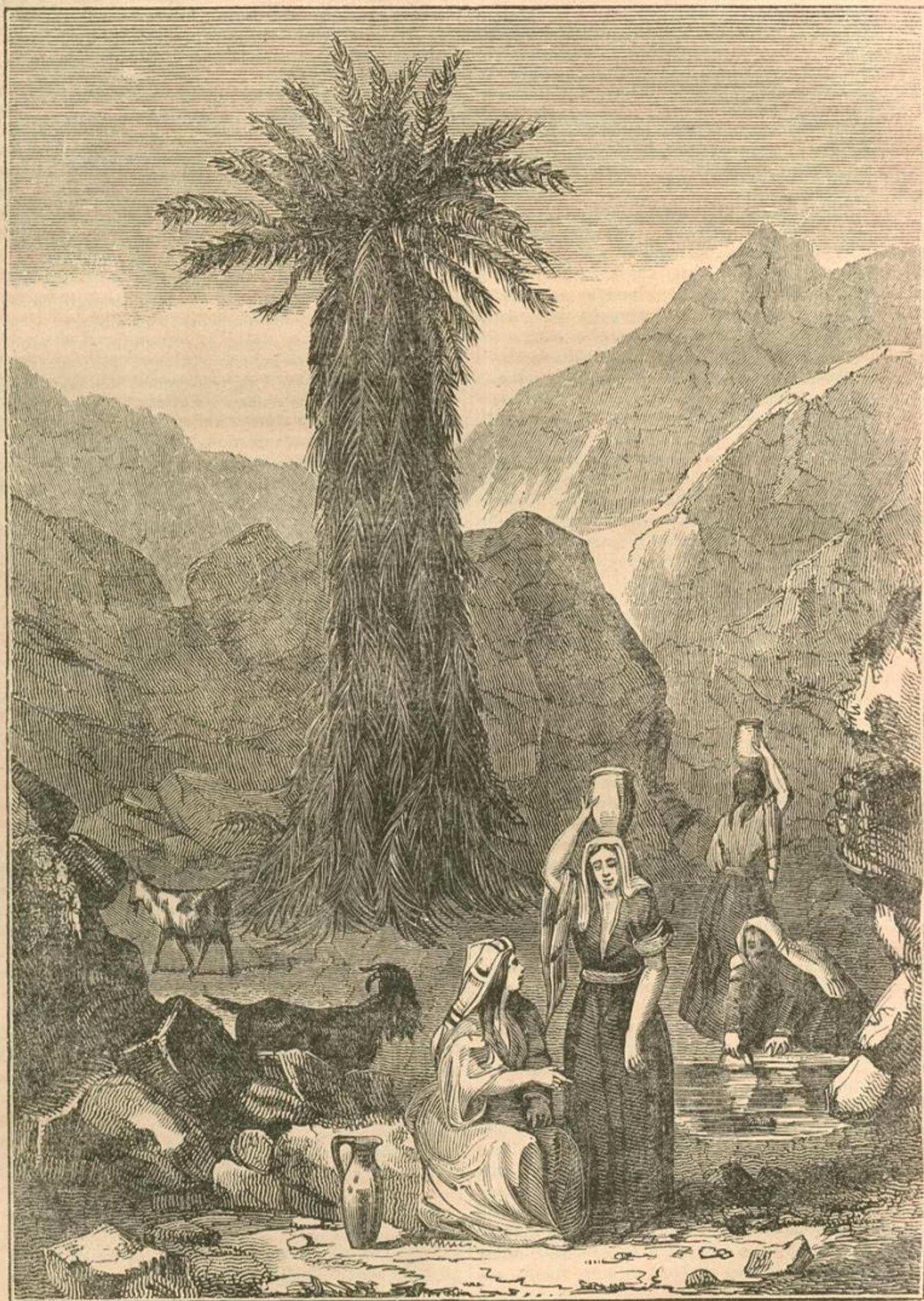
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

17) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 26, 1837)



## A PALMEIRA-TAMAREIRA, OU DAS TAMARAS.

*(Phoenix dactylifera. LIN.)*

MAGESTOSA, e ao mesmo tempo esbelta, e engraçada é esta arvore, tão interessante para a humanidade nos climas ardentes da Asia, donde é oriunda. Em todas as edades, os auctores, tanto sagrados como profanos, a celebraram em suas composições; foi escolhida pelos antigos para emblema do amor conjugal, da saúde, da fecundidade, e da conservação dos imperios; e os poetas a consagraram á victoria dos heroes.

Os arabes, a cuja industria se deve o ensino dos cavallos, e dos camellos, e a domesticidade dos carneiros, obtiveram deste soberbo vegetal, por via de aturada cultura, fructos doces e agradaveis, desinvolvendo-lhes o principio nutritivo, que é o seu merito principal. Da Arabia se propagou a cultura das palmeiras pelos paizes quentes das outras partes do globo; porém nestes mais servem de enfeite que de utilidade, ou porque a temperatura do clima lhes não convém, ou porque os cultores, achando n'outras produções alimento mais facil de obter, não lhes prestam todos os cuidados, de que a sua cultura necessita. Só nos desvios da Asia, e d'África, a palmeira recebe das nações, de quem é o unico recurso, os desvelos, que requer para produzir bons fructos. Os povos destas regiões formam dilatados bosques destas arvores, que dispoem nas proximidades das montanhas e dos rios, cujas aguas encaminham, distribuidas em regos innumeraveis a cada pé de palmeira, conduzindo-as assim por vastas plantações, e levando-lhes uma perpetua fresquidão. Estes amenos retiros representam a vista d'uma abobada immensa de verdura sustida por milhares de columnas. Crescem por alli de mistura lorangeiras, limoeiros, amendoeiras, &c.; e dão fructos excellentes. Alli se recreiam a um tempo todos os sentidos; a vista com a belleza das flores, o olfacto com seu agradável perfume, o paladar com a bondade das fructas, e o ouvido com a cantilena das aves, que concorrem de toda a parte a buscar sustento, e agua, debaixo destas sombras. As tribus, possuidoras destes plantios, abandonam com solemne aparato, todos os annos, as aldéas, que habitam, carregam o seu trem nos camellos, e vem passar a estes sitios a estação dos calores, que em outra paragem seriam intoleraveis.

Multiplicam-se as palmeiras, ou de semente, ou pelos pimpolhos, ou rebentões. No primeiro caso, mettem-se em um buraco profundo no chão 2, 3, ou 4 caroços, no começo da primavera. O que brota deita uma folha singela; mas á proporção que se enraiza, augmenta o numero das folhas, e no fim de 3 ou 4 annos a planta está desinvolvida, com todas as suas fórmulas ordinarias, excepto a columna do tronco, que cresce progressivamente com a idade, lançando em cada anno um ramilhete de palmas central, seccando-se-lhe a camada anterior, que vem a cair, se lh'a não cortam, de fórmula que os pés destas palmas, dispostas em fórmula circular, vão formando uma serie de anneis, que constituem o tronco, onde se observam as cicatrizes, ou vestigios das folhas anteriores, continuando a brotar annualmente novo palmito. Multiplicadas por esta fórmula só dão fructo ao cabo de doze, ou quinze annos; se acontece saírem a maior parte machos, o cultor perdeu seu trabalho; por isso preferem reproduzi-la pelos pimpolhos, isto é, mettendo na terra as vergontes de dois ou tres annos, que rebentam das raizes, ou das summidades das palmeiras já velhas. Deste modo saem sempre femeas; conserva-se, e aperfeiçoa-se a qualidade dos fructos; e produzem aos quatro, ou cinco annos.

Cultivam-se sómente as arvores femeas que produzem o fructo; e basta para as fecundar dispor nos plantios d'espago a espago alguns machos. N'alguns sitios nem isto fazem, e vão na epocha da fecundação buscar as flores ainda encasuladas dos que ha bravios nos bosques. Florecem pelo mez de Março.

Para fecundar as palmeiras artificialmente abrem o casulo das flores masculas, que dão n'um cacho, o qual cortam em pedaços, e os alporção nos cachos das arvores femeas, quando começam a abrir as flores. Bastam cinco arvores masculas para um cento das femeas.

Que a palmeira carecia para produzir da fecundação de outro individuo da mesma especie, e não só ella, mas outros vegetaes; que o vento era o ministro de seus consorcios sabiam-no os antigos perfeitamente. O naturalista romano o disse, e antes d'elle o grego Theophrasto. Ignoravam porém quaes os orgãos, e o modo da fecundação. O celebre Linneu, aproveitando anteriores conhecimentos, foi quem rasgou completamente o veu do mysterio, e com seu engenhoso systema deu ás flores nova consideração, e novos attractivos.

Ha mais de quinze variedades de palmeiras das tamaras, segundo o tamanho, gosto, e cor de seus fructos, uns de pouco preço, e outros muito estimados.

Diversas nações das margens do Euphrates, e do Golpho Persico, e outras, se sustentam quasi absolutamente de tamaras. Os habitantes dos confins do Atlas atravessam as solidões do deserto sem mais provisões do que estas fructas reduzidas a uma especie de farinha.

Todos estes povos, quando as colhem maduras, teem o cuidado de as espremer antes de as seccar, para lhes extrahir um succo amelaçado, que lhes serve de manteiga. Tambem fermentando-as conseguem uma bebida agradável, de que ao depois fazem vinagre, ou por distillação uma aguardente muito estimada. É esta a bebida costumada dos soberanos do Congo, e de outros potentados d'África, e d'Asia, que seguem a religião mahometana.

Não são porém os fructos a unica produção util desta palmeira. O amago da base do tronco da arvore ainda nova, ou summidade da arvore adulta, e os gômos, ou olhos das folhas antes de desinvolvidas, são brancos, tenros, delicados, e bons de comer cozidos. Os cachos, e flores antes de rebentarem tem o mesmo sabor. Por meio de incisões verte esta substancia um liquido assucarado, e lacteo, que serve de bebida aos doentes, e lhe chamam leite de palmeira.

Nos paizes onde ha muitas, os troncos e folhas destas arvores são os unicos materiaes que os habitantes empregam na fabrica de seus domicilios; e duram prodigiosamente, porque é lenha, que com difficuldade se arruina.

Das folhas [que para tal effeito demolham] fabricam esteiras, cestas, e outros muitos trastes caseiros; e das fibras muito boas cordas. Em summa applicam-nas a uma immensidade de usos; e até dos cachos, despídos das flôres, fazem vassouras.

Os caroços das tamaras, apesar de serem muito duros, são um alimento muito bom para os camellos, e as ovelhas dos arabes; os quaes para isso os moem, e cozem em agua a ferver. Dizem que reduzidos a carvão, e pulverisados são muito bons para limpar os dentes.

## QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

## II.

## TOMADA DE ORMUZ.

1507 — 14.

« A CIDADE de Ormuz [diz Barros] está situada em uma pequena ilha chamada Gerum, que jaz quasi na

garganta de dentro do estreito do mar persio, tão perto da costa da terra de Persia, que haverá de uma á outra tres legoas, e dez da outra Arabia." Os geographos modernos a lançam a quatro legoas da costa do Kerman, e a 25 do cabo Mussadon na Arabia. É Ormuz um montão de rochas volcanicas da circumferencia de 8 a 9 legoas, posto que Barros lhe dê 3, e Godinho 4: esteril inteiramente, o seu solo é uma especie de sal e enxofre, sem que naturalmente produza nem uma fevera d'herva; e hoje está quasi deshabitada, por doentia, e pelos excessivos calores que nella reinam.

Era Ormuz, quando os portuguezes a commetteram a primeira vez, capital do reino do mesmo nome, situado na costa da Arabia, desde o cabo Rosalgate até o cabo Moçandan, espaço de 80 legoas. Apesar do çafaro do seu territorio estava então muito ennobrecida de edificios, por ser escala de grande parte do commercio do Oriente. Vinham-lhe os mantimentos da Persia e até fructas e hortaliças, e da proxima ilha de Queixome lhe vinha a agua para os moradores beberem. Diz o nosso viajante Godinho que a maior parte da lenha que em Ormuz ainda no seu tempo se gastava, era de um páu chamado horrá, nascido debaixo da agua, e que, deitando-se nella ía ao fundo como se fôra pedra, e mettendo-se no lume ardia como se fosse de oliveira. Disto, e do sal mineral em que abunda, tiraram os persas o dizerem de Ormuz, que era a terra onde se buscava a lenha no mar, e o sal no sertão. O mesmo escriptor diz que a pedra de que em Ormuz se faziam as casas, era de tal natureza, que deitada na agua sobrenadava como se fôra cortiça.

O primeiro senhor de Ormuz de que temos noticia foi Male-Caez, o qual, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquelle estreito. Grodun-Shah, principe do Magostão, lh'a comprou pelos annos de 1273, e a povoou e ennobrecceu, passando para alli a sua cõrte, depois de destruir o reino de Caez, e de attrahir a ella todo o commercio daquelle estreito. Os seus descendentes ahi reinaram tranquillamente até o principio do 16.º seculo, em que os portuguezes, conquistadores do Oriente, pozeram Ormuz debaixo do jugo de ferro do seu dominio.

Sargol, rei desta ilha, tinha morrido, e herdára a corõa seu sobrinho Ceifadim, filho de Shah-Vez, que fôra desenthronizado por Sargol. Era Ceifadim ainda muito creança, e em seu nome governava Coge-Atar, que havia sido valido de Shah-Vez e seu constante partidario. Foi nesta conjunção que os portuguezes ahi chegaram.

Affonso de Albuquerque, nomeado por elrei D. Manuel capitão-mór de seis náus para andar na costa da Arabia tolhendo o commercio que os mouros faziam no Indostão, tinha partido do reino na armada de Tristão da Cunha, sendo então governador da India D. Francisco de Almeida. Depois de varios feitos de armas e de fundada a fortaleza do Çoco na ilha de Socotorá, partio Tristão da Cunha para a India, deixando Affonso de Albuquerque com seis náus para correr aquella costa, e fazer o que no regimento d'elrei lhe era encommendado. Despedido Tristão da Cunha, assentaram em conselho os capitães das náus que fossem tomar Mascate no estreito de Ormuz, e andando alguns dias naquellas paragens esperassem ahi os navios, que nesta quadra costumavam sahir de Barbora e Zeila para Dio e Cambaia, e para outros portos do Malabar.

Tomada esta resolução vellejou a armada por aquelles mares, e com a variedade dos tempos chegou primeiro a Calaiate, onde Affonso de Albuquerque se proveu de mantimentos, e passando ávante destruiu

Curiate, porque os moradores lhe fizeram traição; e correndo de victoria em victoria humilhou Mascate, Soar, Orfação, ou destruindo-as ou sujeitando-as; e deixando espalhado por toda aquella costa o terror do seu nome, veio surgir diante da cidade de Ormuz.

Ceifadim, ou antes o Governador Coge-Atar, estava já sobre aviso da vinda dos portuguezes, e o echo das façanhas destes, nas cidades da terra firme, tinha re-tumbado em Ormuz. Estava no porto uma armada de sessenta náus, duzentos galeões de remo, e muitas terradas, que são embarcações do tamanho de pequenos liates, ou dos barcos do Téjo, que chamamos de agua-acima. Esta numerosa armada era guarnecida de muita artilharia e gente de peleja, afóra a que andava na praia, que eram de 15 a 20 mil homens. Affonso de Albuquerque apenas surgiu, mandou dizer a Ceifadim que se fizesse tributario d'elrei de Portugal, quando não destruiria aquella armada e depois a cidade. Procurou Coge-Atar entrete-lo com boas palavras, em quanto não lhe chegavam mais soccorros que esperava; porém o capitão-mór, vendo ao quarto dia que o negocio se não concluia de maneira alguma, atacou com as suas seis náus aquella espantosa frota. Durou o combate travado por algum tempo, mas os portuguezes levaram por fim conhecida melhora. Então começaram de fugir as embarcações dos mouros, e estes a saltarem ao mar, onde os portuguezes, que andavam já em bateis, os acabavam á sua vontade, trazendo-os á espada. Desbaratada a frota, e feita aquella grande carnificina, Affonso de Albuquerque se foi chegando a terra no seu batel, ao qual seguiram os outros, e esbombardearam um cerame ou palanque que estava mettido pelo mar e guarnecido de artilharia. Aqui foi o capitão-mór ferido d'uma frechada pelo rosto, e muitos outros com elle: mas isso não embargou que os portuguezes fossem correndo ao longo da praia, destruindo os arrabaldes: e para melhor o alcançar, alguns desembarcaram em terra, sem acharem contradicção, e foram queimando tudo quanto encontraram. Vendo os mouros a determinação dos portuguezes, e que certa era a ruina da cidade, ergueram uma bandeira branca, e vieram alguns fallar a Affonso de Albuquerque, offerecendo da parte do rei Ceifadim a sujeição de Ormuz. Depois de muitos recados de parte a parte, assentaram-se pazes, ficando Ceifadim tributario d'elrei de Portugal em 15.000 xerafins, pouco mais ou menos 12.000 cruzados. Feito este contracto começou Affonso de Albuquerque a edificar uma fortaleza juncto com a cidade, na ponta de Morona; na qual trabalhou com tanta efficaçia, que brevemente a poz em estado de defensão.

Entretanto Coge-Atar arrependeu-se de ter consentido em que os portuguezes se fortificassem em terra: por cinco homens que haviam fugido da armada soubera que grandes dissensões havia entre Affonso de Albuquerque, e os capitães das náus, desejosos de partir para a India, e que desde o começo da guerra em todos os conselhos a ella se tinham opposto. Isto lhe deu ousadia para romper com os portuguezes, os quaes se recolheram aos navios, e começaram a pôr a ilha em grande aperto: porém, declarando-se a revolta na armada, e fugindo tres capitães com as suas náus, o grande Albuquerque foi obrigado a partir para Socotorá, donde voltou outra vez por Ormuz; e sem acabar alli cousa alguma, partiu para a India, e chegou a Cananor nos fins do anno de 1508.

Neste estado se conservaram as cousas de Ormuz por algum tempo: até que sabendo Coge-Atar de como Affonso de Albuquerque era governador da India, e das grandes victorias que havia alcançado dos

mouros, mandou-lhe dizer que Ceifadim estava prompto a pagar o tributo, reconhecendo vassallagem a el-rei de Portugal, pedindo-lhe ao mesmo tempo pozesse em esquecimento os passados odios. Recebeu o governador da India esta mensagem benignamente: Coge-Atar pagou as pareas devidas: e assim o renome de Affonso de Albuquerque concluiu em grande parte o que as armas não tinham podido acabar.

Porém o governador da India não estava satisfeito com isto: pretendia estabelecer inteiramente em Ormuz o dominio portuguez; e por esse motivo partiu para aquella ilha com uma grossa armada de 27 velas no anno de 1514, levando a mira em acabar de fundar a fortaleza, que tinha começado quando ahi estivera pela primeira vez.

Pedro de Albuquerque, seu sobrinho, já tinha no anno antecedente aportado em Ormuz com a armada de que Affonso de Albuquerque lhe dera a capitania para cruzar no cabo de Guardafú. Repetidas vezes pedira ao rei lhe entregasse a fortaleza começada por seu tio, mas nada pôde alcançar a este respeito, apesar de em tudo o mais mostrarem os mouros que não tinham má vontade aos portuguezes. Foi por elle que o governador da India soube que Ceifadim tinha morrido envenenado, e que em seu lugar reinava Torun-Shah, cujo principal válido era um velho persa, por nome Rais-Nordim, por quem todas as cousas do reino se governavam. Porém quando Affonso d'Albuquerque chegou, uma nova revolução tinha ahi mudado a face dos negocios publicos. Rais-Hamed, sobrinho de Rais-Nordim, ajudado d'alguns facciosos se tinha assenhoreado da pessoa de Torun-Shah, e lançando em ferros o velho Nordim e seus filhos, em nome do moço principe tyrannisava Ormuz.

Tanto que Affonso de Albuquerque aportou com a armada, Rais-Hamed, assombrado do poder dos portuguezes, começou a abrandar suas tyrannias, soltando Nordim, e dando mais liberdade a Torun-Shah. O governador apenas chegou mandou logo um mensageiro ao rei, pedindo a entrega da fortaleza; e depois de varios recados foi esta cedida aos portuguezes, que logo começaram a trabalhar por conclui-la, aposentando-se Affonso de Albuquerque em terra para vigiar a obra. Entretanto Rais-Nordim lhe fez saber a oppressão em que Rais-Hamed tinha o rei e o reino, cousa que para o governador não era nova. Por livrar, pois, Ormuz deste estrangeiro, cujas miras pareciam ser sujeitar aquella cidade á Persia, resolveu-se Affonso de Albuquerque a mata-lo. Parece que os mesmos intentos tinha o mouro ácerca do general portuguez, e levado por seus desejos foi cair no laço que lhe estava armado. Tinha-se aprasado um dia para Torun-Shah, Rais-Hamed, e Rais-Nordim irem visitar Affonso de Albuquerque, com a condição de que nestas vistas estariam todos sem armas. Desconfiados comtudo uns dos outros, nem os portuguezes deixaram de se aperceber secretamente com punhaes, nem Rais-Hamed de vir armado. Foi elle o primeiro que entrou na sala, e notando-lhe D. Garcia de Noronha o trazer armas, Rais-Hamed respondeu, mostrando alvoroço e soberba: «isso não se entende comigo.» — Ao mesmo tempo gritou para fóra a Torun-Shah que não entrasse porque os portuguezes estavam armados. Então o interprete Alexandre de Ataíde lhe travou do braço, e dizendo que lhe ia mostrar as casas para se desenganar de que nellas não havia soldado algum, o levou a Affonso de Albuquerque, o qual lhe ordenou se desarmasse, visto não vir conforme ao que se tinha ajustado. Rais-Hamed, ouvindo isto, lançou mão ao punho da espada. Pedro de Albuquerque, sobrinho do general, metteu-se logo de permeio; mas Rais-Hamed, já desatinado, segurou pelo vestido a Affonso

de Albuquerque, que o lançou de si, e gritou ao sobrinho: *matai-o*. Os punhaes escondidos lampejaram logo nas mãos dos portuguezes, e n'um momento Rais-Hamed se debatia por terra involto no seu sangue. Torun-Shah, entrando e vendo Rais-Hamed assassinado, sobresaltou-se; mas o general o recebeu com tantos protestos d'amisade e cumprimentos, que o rei se asserenou. Entretanto os parciaes do morto, posto que não soubessem o que lhe acontecera, vendo cerrarem-se as portas, vieram com machados para as arrombarem: mas Affonso de Albuquerque mandando dar signal com um tiro aos soldados que andavam por fóra, estes começaram a tractar tão mal os mouros, que lhes foi forçado afastarem-se. Para accommodar a revolta appareceu Torun-Shah no eirado do edificio acompanhado por Nordim e pelo general portuguez, a quem os irmãos de Hamed começaram debaixo a pedir lh'o entregasse. Respondeu-lhes Affonso de Albuquerque, que se queriam lhes mandaria a cabeça d'elle. Como isto ouviram, conhecendo que seu irmão era morto, correram ao paço e se fortificaram ahi. Um rompimento parecia inevitavel: mas a prudencia de Rais-Nordim acabou tudo sem mais sangue. Os da facção de Rais-Hamed convieram em sair da ilha, e dentro em pouco Affonso de Albuquerque, já muito doente, partiu para Góá, em cuja barra morreu, deixando Ormuz inteiramente sujeita á corôa portugueza.

Apesar das tentativas dos mouros, esta cidade continuou desde então a ser nossa até 1622, em que Shah Abbas, rei da Persia, ajudado dos inglezes, nos tomou a fortaleza, e se apossou de todo o reino. Augmentando as fortificações da ilha, tornou impossivel aos portuguezes o reconquista-la; ainda que bastava para o assegurar de qualquer tentativa o rapido occaso com que então se ía sumindo para sempre o esplendor das nossas conquistas no Oriente.

#### PHYSIONOMIA.

##### *Conjecturas ácerca do nariz.*

HA - no vulto humano feições moveis e que mudam de contínuo conforme o estado da alma, e feições que jámais variam, sejam quaes forem as commoções do coração: o nariz é desta ultima especie. Elle conserva-se da mesma fórma sempre immovel, embora os labios exprimam a alegria com um sorriso, o escarneo por meio d'uma equívoca dilatação, ou o desprezo por meio do franzimento. Espectador mudo e impassivel assiste ás scenas das paixões sem sentir o menor abalo. Rodeado de actores expressivos coadjuva-os desinteressados nas suas emprezas, presta-lhes a sua energia para consegui-las, ou condescendente permite-lhes o tenta-las, mas sem nunca tomar nellas parte activa. Quer a peça seja tragica, como na cholera, ou comica, como na explosão do jubilo, nem por isso varia o seu aspecto ou postura; mas conserva sempre a attitudo soberana, a immobilidade da inercia, da incuria, ou da firmeza.

Dever-se-ha inferir disto que o nariz é uma feição insignificante para avaliar á primeira vista o character dos homens? Mui longe disso, é precisamente por estar isento dessas commoções fugazes que fazem do vulto humano um quadro tão variado e instavel, que releva dar mais importancia ás noticias que elle ministra.

O nariz indica muito menos as commoções actuaes do que a natural propensão do espirito, do que a energia d'estructura, e o genero do temperamento. Elle paten-

teria a fraqueza ou vigor, a nobreza ou a abjecção, uma sensualidade excessiva, ou a submissão das paixões a uma vontade mais forte do que ellas; mas divulga ainda melhor as inclinações energicas que resultam da primitiva organização, do que os desejos inconstantes, que nascem posteriormente da educação ou do exemplo. Finalmente, não revela quasi nenhuma das fraquezas adquiridas ou das virtudes convencionaes, porém denota com alguma certeza qual é a propria essencia do character individual. Vou explicar a causa disto.

Aos treze para quatorze annos, epocha da puberdade, adquire o nariz a grandeza e a configuração, que ha de inalteravelmente conservar d'ahi em diante. Elle não é, a fallar a verdade, mais do que o prolongamento, e o remate da testa, acabada mais cedo do que elle, e offerece, assim como esta, uma sorte de imagem do espirito, e como um programma da indole. O nariz, e a testa estão quasi sempre em perfeita harmonia, de sorte que um delles confirma o que o outro annuncia, e unanimes são as suas decisões. É raro que um nariz ignobil esteja unido a uma formosa testa intellectiva. Tal nariz, tal testa, e tal entendimento: esta regra tem poucas excepções.

Aos quinze annos tambem o peito se arredonda, muda a voz, e caracterisam-se os sexos. Fôra ate alli impossivel prever qual seria a fórma do nariz ou o seu volume. A epocha em que elle acaba de desenvolver-se é, pois, aquella em que os sexos se distinguem, em que o temperamento se fórma, em que o corpo cobra forças ou fica sendo debil toda a vida; de maneira que o nariz é contemporaneo das propensões, das paixões, do temperamento, assim como dessa energia corporea que, segundo o seu gráu, conserva sempre tão grande ascendente no procedimento dos homens.—Porque motivo pois causarão tanto pasmo as preciosas indicações que o nariz fornece a certas pessoas, que decifram uma figura humana muito melhor do que uma chronica da idade media?

Eis-aqui, em conclusão, algumas das fórmas que toma o nariz, e a este respeito varias conjecturas que cada um poderá modificar a seu geito.

As organizações mais felizes dão-se frequentemente a conhecer por esses grandes narizes aquilinos ou de outra configuração, que formam quasi a terça parte da face em altura, e a quarta da totalidade da cabeça. Os amenos climas de Athenas e de Roma, os costumes republicanos, a vida dos campos, do gymnasio, e da arena, tornavam este character muito familiar nas physionomias gregas e romanas; e estes grandes povos que escolhemos por modelos, em quanto conservámos a orgulhosa esperança de excede-los, até consideravam o nariz de que se tracta como o unico compativel com a magestade dos deuses e dos heroes.

Com tudo é difficil encontrar em os nossos tempos modernos esses narizes perpendiculares, que os artistas gregos costumavam dar ás suas estatuas, e isto mesmo é um aperfeiçoamento, e uma felicidade, se devemos dar credito a Lavater; porque este auctor pretende que um nariz não é physionomicamente bom, ou signal de grandeza d'animo e de engenho, senão quando apresenta inflexões suaves, ondulações delicadas ou encarnas mais ou menos assignaladas; e acrescenta: onde não notardes uma leve inclinação, uma especie de resalto na passagem da testa para o nariz, salvo se o nariz fôr muito recurvado, não esperéis descobrir o menor signal de nobreza, e magnanimidade.

Os persas julgavam de tanta monta o character, de que fallámos, dos narizes aquilinos elevadissimos, que não reconheceriam de bom grado por seu rei um principe que o não tivesse; e eis a razão porque certos

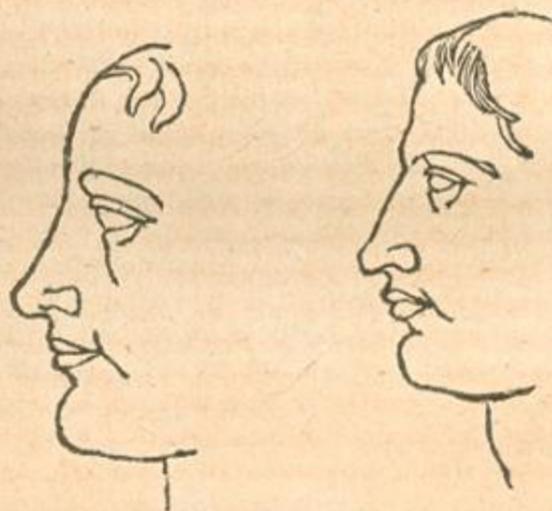
eunucos eram especialmente incumbidos de amollecere os narizes dos reaes infantes da Persia.

Tem-se notado que em certas familias a semelhança dos narizes formava o character distinctivo e hereditario; e esta transmissão de uma geração á outra encontra-se principalmente nas classes ociosas, e polidas, a que um estado de constante felicidade permite a escolha de suas allianças matrimoniaes, e o gozo d'uma vida livre de estorvos, e vicissitudes; e na realidade estas pessoas providas d'um nariz aquilino mui raras vezes se applicam a trabalhos corporeos [os quaes quasi sempre modificam a organização], e de ordinario são emprehendedoras, e desmedidamente ambiciosas. A familia dos Borromeus era desta laia, o que fazia com que o chefe da casa dissesse, dirigindo-se a um mancebo seu parente, ainda mais inquieto do que todos os outros: «Sêde tão eloquente e virtuoso quanto puderdes; procurai ser douto, o que não é obra d'um dia; elevai-vos muito embora ao gráu de erudito . . . mas fazei-nos a mercê, meu caro amigo, de não ambicionardes ser sancto: a canonisação do vosso primo Carlos arruinou a nossa familia!»

Um grande nariz coroado d'uma testa espaçosa e proeminente, de que o separa um leve chanfro, indica uma sêde abrazadora de mando, a firme vontade de superar os obstaculos, e a perseverança necessaria para combate-los, porém não a circumspecção que os esquiva, nem a previsão que sabe dissipa-los. A physionomia de Napoleão revelava estas qualidades.

Quando os olhos se acham quasi a nivel com o nariz, é mui provavel que o espirito seja fraco, a vontade indecisa, o bom juizo nullo.

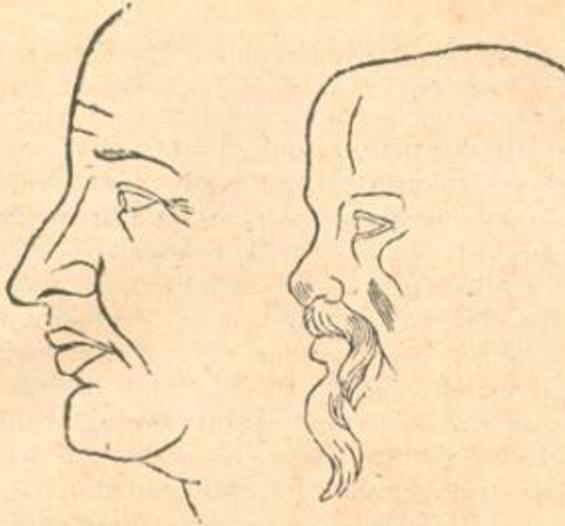
O nariz que sae logo da testa, sem resalto nem recorte intermedios, é quasi sempre o indicio de caprichos pueris, de excessiva vaidade, e algumas vezes dos vicios e da baixeza. Nada faz o homem tão despresivel e apto para andar de rojo aos pés dos poderosos, como a irresistivel precisão de obter uma auctoridade que elle não póde conquistar com as suas proprias forças. A ambição da gente desta vil estofa costuma aplanar a estrada do despotismo e tyrannia: tal era o nariz de Narciso, valido do imperador Claudio.



NARCISO.

NAPOLEÃO.

Um nariz aquilino annuncia commummente altivez e ambição: é o dos biliosos e melancholicos. A grandes narizes correspondem ordinariamente barba cerrada, olhos negros ou pardos, e cabellos pretos e asperos. A maior parte dos grandes politicos, os mais celebres ambiciosos, e muitos grandes poetas, e illustres prosadores, se fizeram notaveis por narizes de grandes dimensões; Cyro, Constantino, Machiavello, Luiz 11.<sup>o</sup>, Catilina, Rabelais, a maioria dos escriptores do seculo de Luiz 14.<sup>o</sup>, Schiller, Cuvier, &c. &c.



LUIZ 11.º

SOCRATES.

Um nariz mediocre e afilado é indicio de viva sensibilidade, de imaginação, de enthusiasmo, algumas vezes de agudeza, de habilidade, de astucia: tal é o das pessoas nervosas. Todavia [diz o doutor *Isidoro Bourdon*, auctor do presente art.] eu tenho visto narizes grossos conciliarem-se com habilidade tão desmarcada, que parecia ameaçar as barreiras da probidade.

Um nariz curto, abatado, grosso juncto das azas, pallido, e inchado [fig. 1.<sup>a</sup>] é agouro, e muitas vezes signal certo d'um temperamento lymphatico, d'uma constituição escrofulosa. Semelhantes narizes encurtados e grossos associam-se quasi sempre com olhos azues, beiços grossos, e cabellos louros: a barba é então ou nulla ou delgada, e de varias côres. Narizes de tal natureza annunciam pouca energia, pouca constancia, e muito menos discernimento; porém não são incompatíveis com certo gráu de memoria, e imaginação, pois, ao contrario, como os individuos dotados destes attributos são pela maior parte doentes, ociosos, e sedentarios, a prematura experiencia domestica que algumas vezes adquirem faz que os seus os tenham em conta de cousas raras.

Teem muitas pessoas o nariz inclinado para a direita, mas isto nada influe no conhecimento do seu character; é o simples resultado de preferirmos quasi todos accionar com o braço direito. Os narizes dos canhotos são inclinados para a esquerda.

As grandes paixões, bem como as enfermidades, emagrecem o rosto, e fazem por conseguinte avultar o nariz; por isso se diz da pessoa cujos projectos falharam, cuja ambição fôra burlada: *ha de ficar com um palmo de nariz!* Um palmo lá é muito; mas é certo que os narizes nestes casos parecem mais compridos.

Os narizes cujo repartimento ou parede do meio os excede patentemente [fig. 2.<sup>a</sup>] descaindo todo para a boca, indicam, com poucas excepções, um egoismo ou uma sensualidade tão refinados, que não ha precisão alguma deste attributo para os descobrir e amaldiçoar.

FIG. 1.<sup>a</sup>FIG- 2.<sup>a</sup>FIG. 3.<sup>a</sup>

Um nariz cuja raiz é chanfrada, e a ponta grossa e arrebitada [fig. 3.<sup>a</sup>] prognostica pouca sagacidade, mas em compensação muita pertinacia, e grande propensão para o ciúme.

Se o nariz inclina para a boca [fig. 4.<sup>a</sup>], e se inclina para a sepultura, como diz Mr. de Chateaubriand, isso denota, não a resignação, como crê o auctor de Atalá, mas pensamentos essencialmente mundanos.

As rugas paralelas que serpeam nos lados do nariz [fig. 5.<sup>a</sup>], designam quasi sempre a hypocondria, a obstinação, ou a misanthropia, e muitas vezes uma malicia timida, que não ousando fallar, vingam-se fazendo visagens.

As pessoas timoratas, os manicacos, ou os homens a quem preocupam vivos cuidados ou meditações profundas, contraem ás vezes o habito de encrespar a ponta do nariz de uma maneira desusada; outras ha que levantam ao mesmo tempo a cabeça e o beiço para o mesmo lado; a outras escapa-lhes maquinalmente um guinchinho sem significação nem importancia.

FIG. 4.<sup>a</sup>FIG. 5.<sup>a</sup>FIG. 6.<sup>a</sup>

Muitas mulheres teem as duas azas do nariz excessivamente flexiveis. A celebre actriz Mademoiselle Duchesnois tira um grande partido desta observação, e até chega a accrescentar outro character verdadeiro á effervescente paixão que exprime, nos papeis de *Phedra*, e de *Hermione*, respirando então unicamente pelo nariz, como quem soluça.

A maior parte dos homens cholericos teem narizes curtos, e subitamente arredondados, ou algum tanto arrebitados, e sobrançellas grossas e desordenadas.

Um nariz arrebitado [fig. 6.<sup>a</sup>] que não está em des-harmonia com a boca nem com os olhos, é indicio, que raras vezes falha, d'um character terno. Socrates, e o celebre Gall tinham narizes arrebitados; e estes philosophos, que não tinham jus a queixar-se da natureza, que muito os favorecera, não desmentiam o presagio que se tirava d'um dos seus defeitos.

Um narizinho arrebitado, olhos pequenissimos, e sobrançellas elevadas, é quanto basta para caracterisar um homem hostile, demandista, e gratuitamente malvado. A gente desta especie venderia a sua felicidade por um dicto mordaz; a sua familia por um rasgo de malicia; teem tambem louvores exaggerados para aquelles que os ouvem; censuras para os ausentes.

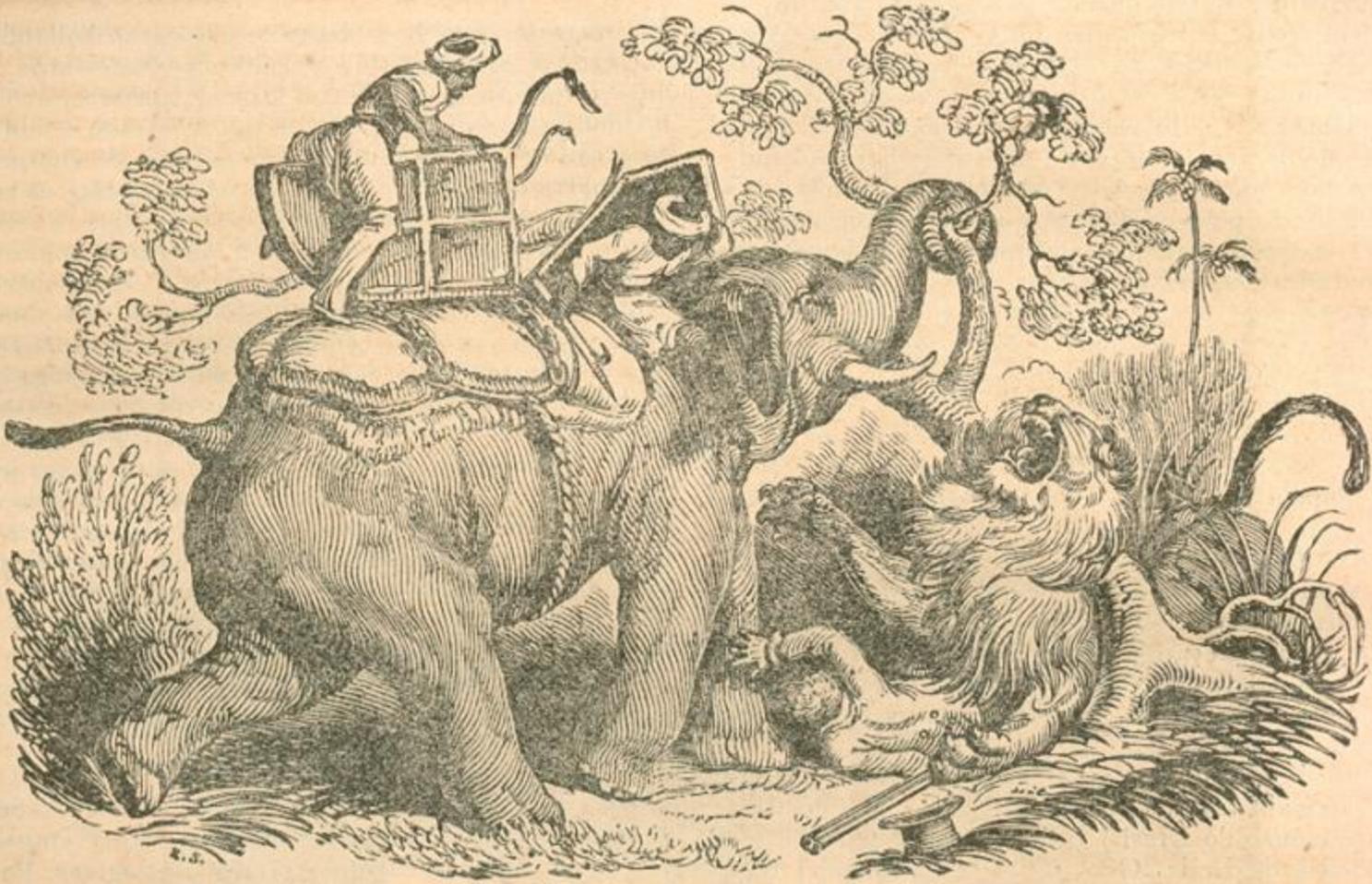
Conheço alguns a quem um epigramma fez perder um logar rendoso que deviam a um madrigal.

São extremamente curtos os narizes dos tartaros, e a sua indole é muito hostile. Talvez que desta causa provenha o ter sido tantas vezes tomada e retomada a fertil planicie, que habitam, pelos illustres capitães seus tyrannos.

Os narizes chatos e esmurrados annunciam enfermidades graves, todas as vezes que não resultam d'um

desastre ou molestia. Esta configuração de narizes, que tão defeituosa nos parece, os hotentotes a consideram como uma belleza; pelo que chegam a empregar meios artificiaes para produzirem aquella disformidade, que a seus olhos é um enfeite.

Outros povos pensavam mui diversamente. Os hebreus excluíam do sacerdocio aquelles que tinham o nariz contrafeito, e a pena a que os egypcios condemnavam as mulheres adúlteras consistia em cortarem-lhes os narizes.



### PERIGOS DA CAÇA DO LEÃO.

#### O LEÃO.

O LEÃO, o rei dos quadrupedes, é o mais forte e o mais bello entre todos os animaes; mas onde elle é verdadeiramente o symbolo da força e da magestade é nas solidões profundas da Asia, e nos calados e gáfáros areaes da Africa. — Na visinhança das povoações, parece que a ousadia e a robustez lhe desfallecem, e que a proximidade do homem lhe quebra a ferocidade e os brios. Os leões nascidos na visinhança das aldéas da India, ou nas fronteiras da Nigricia e da Mauritania, temem a intelligencia, temem o ferro do homem. Costumados a ser vencidos por este, aprendem que não são senhores da terra: — e então o grito de uma mulher e até de uma creança os arremessa ao fundo dos bosques, onde, reis desenthronizados, vão esconder seu terror e sua vergonha. Á sombra do poder do homem a timida ovelha nem sequer cura do rugido do tyranno dos ermos. Porém nas solidões, raro ou nunca trilhadas por pés humanos, este rugido é tremendo; ahí o furor do leão é indomavel, as suas garras são como de aço, os seus braços como de bronze. — O homem e as suas armas não o assustam: romperá por entre os esquadrões, e coberto de feridas, já cansado e moribundo combaterá sem temor: cairá morto aos pés dos seus inimigos; mas quando a sua ossada alvejar ao longe no deserto, muitas outras derramadas ao redor della testemunharão que não foi sem vingança que o monarcha das feras baqueou do seu throno terrível.

O leão é um animal dos mais bem conformados e dispostos. Enxuto de carnes, sem ser delgado: musculoso, sem ser pesado, reúne agilidade extrema com extrema robustez. Os maiores tem oito a nove pés do comprido desde a ponta do focinho até o encaixe do

rabo, que á sua parte tem quatro pés: os deste tamanho são altos obra de cinco pés; a femea tem menos a quarta parte destas dimensões.

A côr do leão é foveira, isto é, tirando a ruiva, pelo lombo, e esbranquiçada pela barriga e lados. A juba, ou grenha que lhe cobre o pescoço, caindo lhe sobre os peitos é basta, longa, e macia como seda: o rabo tem na extremidade uma gadelha ou antes borla. As forças deste animal são superiores ás de muitos que o excedem em tamanho. Os ossos, tem-os tão duros que os antigos lhes attribuíam as propriedades da pederneira. As garras do leão são fortissimas e recurvadas, e elle as póde encolher quando quer. Tem a cabeça enorme, grandes queixadas, fronte espaçosa, focinho grosso, olhos rasgados, beiços pendentes. A grenha ondeante se lhe erriça quando irado, e o seu bramido restruge ao longe. Tem os dentes semelhantes aos do gato, e a lingua cheia de picos agudos, duros como as garras. As leões não tem grenha como os leões, o que faz com que pareçam outro animal.

O caracter do leão é generoso e magnanimo, as suas paixões violentas. Todos os outros animaes o temem e fogem até do seu cheiro. Parece que luz mui viva o incommoda, e o senhor dos desertos vaguea de noite para caçar, como se fôra cruelmente cobarde. Tem pouco fôro, e nunca segue a prea pelo rasto, mas só quando a vê. Avisinhando-se de algum rebanho pelas trevas, se de redor teem feito fogueiras, o leão não se aproxima. Quando tem fome não ha animal que elle duvide de atacar; porém são as gazelas e os macacos que ordinariamente saltea. Come muito de uma vez e farta-se para dois ou tres dias. É soffredor de fome, porém a sede lhe é intoleravel, e assim, em encontrando agua, logo se põe a beber.

Quando está encolerizado o grito que solta é diferente do seu rugido ordinario; sacode então as ilhargas com a cauda, erriga a grenha, encrespa a testa, arquea as sobrancelhas, reganha os dentes, dardeja a lingua: não ha então resistir-lhe. De noite vê como os gatos; dorme pouco, desperta facilmente; mas é erro dizer-se que dorme com os olhos abertos.

Vagaroso e grave é no andar, ainda que sempre vae de esguelha: quando corre é aos saltos, e para filar uma prea dá os ás vezes de doze ou quinze pés. O elephante, o rhinoceronte, o hippopotamo, e o tigre são as unicas feras que podem resistir ao leão.

Ainda que tão terrivel, este animal não deixa de ser perseguido pelos caçadores, que o assaltam com matilhas de cães corpulentos, acompanhados de homens bem montados e armados. Cumpre porém que tanto os cães como os cavallos estejam affeitos e adestrados, porque todos os animaes tremem e fogem do cheiro, só que seja, do leão, como já dissemos. Ainda que elle tenha a pelle grossa e rija, esta não resiste ás ballas, e até nem á azagaia: mas raro será matar algum do primeiro tiro. As vezes tomam-os ás mãos vivos, em covas fundas cubertas de ramos e terra, em que elles vão cair. O leão, em se vendo preso, amansa logo, e até se deixa prender e açaimar sem fazer resistencia.

A carne do leão tem desagradavel sabor; apesar do que os indios e os pretos não a acham má, e comem-a quando a alçangam: a pelle desta fera serve, nos paizes onde a ha, de cubertor aos caçadores, e a gordura, ainda que pouca, guardam-na para diversos misteres.

O animal a que os europeus que vivem na America chamam leão (*o puma* de Quito, *pagi* do Chili, e *tigre-loiro* do Brasil) é mui differente do leão da Africa e da India. O puma é mais pequeno, tem a cauda mais curta, e falta-lhe a juba. Parece-se mais com o tigre e com o lobo, trepa ás arvores, o que não faz o leão, foge do homem, e só ousa attacar o gado. — O rei das feras, portanto, só habita nos desertos da Africa e da Asia.

A caça do leão é na India um dos grandes divertimentos dos inglezes: mas esta caça tem seus riscos, posto que não tantos como a do tigre; por que o leão só póde attacar nas clareiras, ou logares sem arvores, e elle accommette menos de salto do que o tigre. E' verdade que isto procede de frequentar o leão sitios mais descubertos do que o tigre, que anda sempre embrenhado por selvas bastas e cerradas, e por brejos alagadiços. — A caça faz-se com uma fileira de elephantes, com que se vae batendo o matto. O coronel Skinner conta varias anecdotas ácerca destas caçadas, de que extrahimos a seguinte, á qual serve de illustração a nossa estampa.

«A certo cavalheiro da minha amizade succedeu uma das mais perigosas aventuras que costumam acontecer neste divertimento, tendo tido a honra singular de se ver por alguns momentos nas unhas do real quadrupede. Um leão avançou ao elephante em que ia o caçador inglez, e elle, havendo-o ferido com um tiro, inclinou-se para segundar com outro. Neste tempo a portinhola do *udá* (1) abriu-se, e elle salvou por cima da cabeça do elephante, indo cair mesmo entre as garras da fera enraivecida. — O leão, posto que já maltractado, immediatamente se lançou a elle, e o teria acabado em menos d'um credo, se o elephante espicaçado pelo *mahut* ou *cornaca* (guia) não des-se um passo avante, e, vergando com a tromba uma arvoresinha, a que o leão estava encostado, lhe não esmagasse com ella o lombo, como fez. O animal obri-

(1) *Oudá* é uma especie de caixa ou pulpito, que vae ás costas do elephante, e em que se mettem os caçadores. A fórma d'elle melhor se verá pela estampa.

gado da dôr largou a presa; e o caçador salvou-se; mas com um braço quebrado por duas partes, e com profundas arranhaduras nas costas e no peito.»

#### A BALANÇA DOS FEITICEIROS EM OUDEWATER.

No MEIADO do 17.<sup>o</sup> seculo ainda o governo hollandez auctorisava uma practica seguida em Oudewater, a qual recordava as provas dos tempos barbaros, e fôra introduzida por Carlos 5.<sup>o</sup>, a fim, segundo é fama, de arrancar á morte uma immensidade de victimas do fanatismo popular. Ella consistia em pesar na balança grande da cidade as pessoas accusadas de bruxaria, para se conhecer se tinham o peso que um bom e virtuoso christão devia ter: a maior parte dellas vinham espontaneamente pesar-se. Despiam-nas, e uma parteira competentemente auctorisada servia de testemunha com dois homens encarregados de pesarem. Entre o almotacel, o escrivão, e estes tres singulares empregados eram repartidos os seis florins e dez soldos [dois mil e tantos réis], pagos pelos individuos que reclamavam a prova, aos quaes, em troco, se passava uma certidão declarando ser o seu peso proporcionado á estatura, e não trazerem no corpo cousa alguma diabolica. Não custava muito caro a certidão, visto livrar do supplicio do fogo. Nota-se que a maior parte destes suppostos feiticeiros e feiticeiras vinham da Westphalia, e affirma-se que a superstição a que alludimos ainda não foi de todo extirpada.

*Uso do carvão vegetal como medicamento.* — São numerosos os usos therapeuticos do carvão. É empregado para limpar os dentes e sanear as gengivas. Posto em contacto com as ulceras phagedenicas [corrosivas], ou carne esponjosa, fa-las cicatrisar em pouquissimo tempo, e introduzido nas pomadas, é excellente remedio contra a tinha, reduzido a pastilhas destroe o máu halito, e algumas pessoas o teem empregado com feliz resultado contra os catarrhos, e como febrifugo, &c. Tambem faria bom effeito nas febres podres. Eis-aqui as receitas mais simples em que póde entrar como medicamento.

#### *Pó dentrifico de carvão.*

Uma onça de pó de carvão bem fino, uma onça de assucar, e tres gotas de oleo volatil de cravo. Faça-se de tudo isto um pó bem ligado.

#### *Pó de carvão e de quina.*

Uma onça de carvão bem moído, uma onça de casca de quina vermelha, quatro oitavas de assucar, e quatro gotas de oleo volatil de hortelaã.

*Emprego dagiesta contra o raiva ou hydrophobias.* — Mr. Chabanon, medico em Uzés, colheu os mais satisfactorios resultados da applicação que fez de um cozimento de giestas dos tintureiros a varios individuos mordidos por um cão damnado. Alguns jornaes tinham feito menção deste remedio, introduzido mui recentemente na Europa pelo doutor Marchetti, que o víra empregar com vantagem por um camponez russo.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo  
N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.